



A impotência dos médicos diante de doenças graves é caricaturizada por Thomas Rowlandson em *A Consulta* (1808). “A última esperança, quando os mestres sacodem as cabeças e convidam seu paciente a pensar no Céu – É o fim, boa noite”. National Library of Medicine, Bethesda.

A Europa do século XVIII foi o berço de uma imensa revolução intelectual que varreu os remanescentes da anarquia feudal e do dogmatismo medieval. Nesse período, caracterizado como Iluminismo e também chamado, às vezes, Idade da Razão, os homens passaram a crer que, aplicando as imutáveis leis da natureza à política, à filosofia, à ética, à religião e à economia, poderiam construir a sociedade perfeita.

Essa foi a era que divinizou a ciência, buscando reduzir todos os processos intelectuais e morais a precisos princípios newtonianos de matéria, movimento, espaço, tempo e força. Ao fazê-lo, muitos homens talentosos descobriram dados básicos em química e física, que indiretamente beneficiaram a medicina.

A despeito das várias teorias, o médico do século XVIII era um marco na

sociedade, um erudito respeitado, um homem de recursos. Usava roupas e perucas elefantes e geralmente trazia uma bengala encastoadada em ouro.

Os médicos viviam como fidalgos, dedicados às artes de tocar instrumentos musicais e escrever poemas; no campo, levavam vida de cavaleiros. Muitos deles possuíam excelentes bibliotecas e eram estudiosos sérios de outros temas além da medicina. Foi nesse século que nasceu a tendência para a especialização: a cardiologia teve origem na obra de Antonio Giuseppe Testa (1764-1814); na Alemanha, Paul Gottlieb Werlhof (1699-1767) lançou as bases da hematologia com sua original descrição da púrpura hemorrágica. As moléstias cardíacas mereceram especial atenção de dois clínicos franceses: Jean de Senac reconheceu a asma, a ortopnéia, o edema de pernas e a hemoptise como sintomas de doenças cardíacas; Jean Nicholas Corvisart criou o termo *cardite* e foi o primeiro a se autodenominar especialista em coração.

Também nesse século, a cirurgia finalmente conseguiu libertar-se dos grilhões que a acorrentavam a barbeiros e ortopedistas. Em meados do século, as principais universidades de Inglaterra, França e Alemanha ofereciam cátedras em cirurgia; nas décadas seguintes, os cirurgiões alcançaram posição igual à dos médicos. O século não introduziu nenhum método revolucionário de terapia: continuaram em moda a sangria, a aplicação de ventosas e a purgação; as doenças venéreas, desenfreadas numa época de libertinagem, eram ainda tratadas com doses maciças de mercúrio, flebotomia e banhos.

Europe of the 18<sup>th</sup> century was the cradle of a great intellectual revolution that cleared up the remainders of feudal anarchy and medieval dogmatism. At that period, characterized as Enlightenment and also called, sometimes, the Age of Reason, men began to believe that, applying immutable nature laws to politics, philosophy, ethics, religion and economy, they could construct the perfect society.

That was the age that divinized science, aiming at reducing all intellectual and moral processes to Newton's precise principles of matter, movement, space, time and force. By doing that, many talented men discovered basic data in chemistry and physics that indirectly benefited medicine.

In spite of many theories, the physician of the 18<sup>th</sup> century was a mark in the society, a respected erudite, a man of resources. Using elegant clothes and periwig, generally brought a cane set in gold.

Physicians lived as noblemen, dedicated to the arts of playing musical instruments and writing poems; in the country, they lived as knights. Many of them had excellent libraries and seriously studied other themes besides

medicine. It was in that century that the tendency to specialization was born: cardiology originated in the work of Antonio Giuseppe Testa (1764-1814); in Germany, Paul Gottlieb Werlhof (1699-1767) set the basis of hematology with his original description of hemorrhagic purple.

Cardiac maladies earned special attention from two French clinicians: Jean de Senac recognized asthma, orthopnea, legs edema and hemoptysis as symptoms of cardiac diseases; Jean Nicholas Corvisart created the term *carditis* and was the first to self-denominate a heart expert.

Also in that century surgery finally got free from the chains that linked it to barbers and orthopedists. In the middle of the century, main universities from England, France and Germany offered cathedras in surgery; in the following decades surgeons got equal position to physicians. The century did not introduce any revolutionary therapy method: bleeding, cupping glasses and purgation continued in vogue; venereal diseases, unbridled in a libertine epoch, were still treated with massive doses of mercury, phlebotomy and therapeutic baths.